

© by Uarlen Becker
Todos os direitos reservados.
Proibida a montagem, reprodução ou adaptação parcial ou total sem a prévia autorização do autor e da
ABRAMUS.
becker.uarlen@gmail.com

MENINA DAS LUZES

Para Ana Paula Carneiro

Há uma grande bacia com água e sobre a mesma incide uma luz tênue. Ao fundo uma imensa porta. Primeiro ouve-se uma voz externa, em off.

Voz em off - Naquele tempo, eu só queria ser gente, marginal que fosse, doente físico que fosse, mas que fosse gente. Olhar a estrela no céu com a mesma dignidade que ela me olha. Andar sobre a terra com a mesma elegância dos ciscos e das folhas. Mas não estar só por dentro. Sabe só por dentro? Mas sou fadada a carregar a mim e meus pecados anos a fio. Anos e anos a fio. Mas dizem que os motivos são sempre banais. Ninguém sabe os reais motivos. Ninguém sabe os motivos!

A Menina deve entrar na bacia bem lentamente com uma vestimenta. Olha para os lados. Pausa. Põe a vestimenta ao lado da bacia. Pausa. Sai. Retorna com algumas folhas secas. Olha ao redor. Pausa. Põe as folhas na bacia. Sai. Retorna com uma enorme bexiga. Enche a bexiga e brinca com ela. Entra na bacia.

Agora estou ocupada com meus carrapatos! Não me venham atazanar, pois agora me ocupo com meus carrapatos. É hora do banho, amiguinhos. *Pausa.* Estão tão gordinhos e suculentos. Ta, eu cometi esse crime horrível. Matei um irmãozinho de vocês. Ele mordida minhas entranhas e me incomodava muito. Apenas abri seu corpinho. Mas não achei o que procurava. Não achei o baú onde guardo os motivos. *Pausa.* Porque ele me mordeu? Por que ele?

De posse de um tecido velho, suspende-o sobre a cabeça. Levanta-se como num ritual e o estende no chão. Pega algo que estava escondido no tecido, expõe o seio esquerdo e o lambuzza.

Toma de comer coração. Toma coração devastado. *Ela mesma come.* Oh, os carrapatos morreram afogados! *Rz.* Não sabia que eles não sabiam nadar! Ah, é mesmo, quem nada são os cães. Mas logo os cães?

Agora estou só mais uma vez. E sou nada. É uma qualidade muito rara: ser nada. É privilégio de poucos ser nada! Os carrapatinhos afundaram. Como eu. Me afundei uma vez e para sempre! Mas daqui a pouco eles bóiam. *Pausa.* Aqueles outros pensam que eu só vim aqui tomar banho. Estão enganados.

Pena que a água não limpa a alma. Eles banham os mortos, que em pouco tempo estão podres. E fedem! Mas a alma de papai está limpa. O que papai fazia aqui? O que eu faço aqui? O que eles todos faziam aqui?

Papai era tão bonzinho. Mas com aquele risinho falso. Eu não gostava dele. Ele não fazia o que eu queria! E quando não fazem o que eu quero... eu... eu... *Gestos violentos.* Então eu botei aquele caldinho verde que faz matar os ratinhos na sopinha de papai. Ele tomou toda a sopinha e ficou tão verde quanto o caldinho verde que faz matar os ratinhos do fogão. Mas os ratinhos só iam lá para se alimentar...

Ah, por que a gente é assim?

Ah, por que a gente é assim?

Eu queria ser como a condessa de Fontainebleau. A condessa dançava tão bem. *Dança imitando os passos de uma bailarina.* Que ódio! *Pára bruscamente.* Que ódio! Quero que soltem minhas amarras, ou lhes mostro meu cu, não querem ver algo poético? Vejam meu cu. Lá vem aquelas vozes torvas perguntar todas as coisas. Eu não sei qual o caminho que devo tomar. Não sei qual direção devo seguir. Já me tomaram os guizos! Tomaram os guizos e só restou esse vestido! Este vestido é tão bonito que eu não tenho vontade de usá-lo. Seria repugnante. Seria o meretrício! *Pausa.* Eles devem achar que eu morri. Como seria bom se isso tivesse acontecido. Mas eu não morri! Foi tudo apenas um banho tedioso!

Naquela época ia tudo ridiculamente bem. Até que apareceu minha tia com sua boca de sepulcro. É outra qualidade raríssima ter a boca de sepulcro. Ela falava como se tivesse três línguas na boca! Era dengosa e seu cabelo... pode alguém chamar aquilo de cabelo? Seu cabelo cheirava a pomada. Ela me abraçava e me beijava.

Clotilde...
Clotilde, vim passar o dia
Com vocês, cunhada...
Onde está minha
Sobrinha predileta?
Vem cá, gorduchinha...
Cunhada... a menina
Tá parecendo uma porquinha
Anda nenê
Vai tomar banho, vai

E enquanto falava me banhava com sua saliva fedorenta! Até que naquela terça-feira eu mordi sua orelha! Arranquei a metade e mastiguei e engoli e quando fui cagar, repleta de ansiedade, caguei de quatro olhando para o meu cu tentando ver sair o brinco de latão da titia e quando o brinco de latão saiu eu gritei com as mãos lambuzadas de bosta saiu, saiu o brinco de latão saiu! E mamãe me olhava aterrorizada. Minha filha!

A titia nunca mais foi lá em casa! Nunca mais, a morta viva. É muito banal ostentar essa qualidade, morto e vivo ao mesmo tempo! Não pude ser como a condessa de Fontainebleau. Eles não me deixaram! Não me deixaram, disseram que a condessa era muito... muito fogosa! *Pausa.* Mas não tão fogosa quanto aquele primo que morou uns tempos lá em casa. No tempo em que eu ainda tinha casa. Ele me punha em seu colo e eu sentia que seu colo estava duro e pulsava. E um dia seu colo ficou molhadinho.

É xixi, priminho?

Ele me dava um caramelo e dizia em meu ouvidinho não é xixi, mas não diga nada a ninguém! E eu não dizia nada porque eu gostava... mas mesmo gostando, quando um dia ele me ensinava a comer...

Vamos priminha
Tens que aprender
A comer com o garfinho.

E aquele garfinho que tinha o cabinho em forma de patinho... eu... eu... eu enfiei em seu olho direito. O olho do priminho vazou e manchou de azul a camisa branca imaculada! Agora o patinho do cabinho do garfinho faz

Quá.

Quá.

Quá.

Gostei muito! Como gostava das minhas bonecas. Minhas bonequinhas. Eu não deixava minhas primas brincarem com minhas bonecas. As bonequinhas são só minhas e acabou, acabou! Então arranquei um pouco do cabelo ruivo de minha prima sardenta, que chorou a noite toda. Ah, mamãe... mamãe quando soube de tudo me mandou pra cá. Aqui estou representando a vidinha dessa menina imunda. Anos e anos, juventude perdida nessa tenebrosa vastidão do nada. *Volta-se para a bacia e dela retira uma boneca de pano.* Mas nessa confusão toda, eu sarapintada de dor expurguei de mim aquela anjinha que plantaram em mim. Anjinha que como eu nasceu morta! *Despedaça a boneca em vários pedaços.*

Em cada canto um pedaço de ti!

Em todo lugar está você!

Deus, estou presa! Não existem mais crianças! Estou farta desses seres que serão iguais a seus pais. Os mesmos defeitinhos, corruptos e boçais. Mocinhas mimadas que desprezam os mais humildes e rapazes que se masturbam no banheiro pensando na moça peituda da revista maculada. Não sabendo que já estão todos mortos! *Assustada, olha ao redor.* Eles estão vindo, descobriram tudo, sabem que estou com a vestimenta proibida da condessa. A condessa de Fontainebleau que me adotou em seu coração. É outra qualidade raríssima adotar alguém no coração. Mataram a condessa! E mamãe me mandou para cá. Mamãe não entende nada! Me aprisionou aqui! Aqui eles soerguem meu corpo no ar, meu corpo repleto de choques. Meu corpo banhado pela água imunda dos ratos e o sangue dos porcos! Eu desnuda e minha alma devastada.

Alguém olhe para mim!

Não, não tem ninguém!

Eles estão vindo! Não vou lutar, aqui entrego meu corpo de criança. Não, pai, não afaste e mim esse cálice, deixe que eles afastem! Todos os dias eu fui empalada, dedos na minhas entranhas, me estupraram com os dedos, todos os dias eu engoli o esperma de sua perdição. E eles tomam conta do hospício! Mas a minha vingança é saber que eles têm filhos! Todos os dias pão roído pelos ratos, todos os dias socos no estômago, todos os dias a sevícia, a sevícia!

A velhinha do quarto ao lado tinha todos os dentes. Eles arrancaram todos!

Velhos não podem ter dentes!,

gritou o fortão de narinas cavernosas. A velhinha disse que pior é a morte.

Não velhinha, pior é viver!

Acaso também não é sangue o que corre em minhas veias? Acaso também não era sangue o que corria nas veias do padre de Brecheret? Padre que enquanto eu me confessava mandava eu mostrar os peitinhos de menina de doze anos! Padre que mandava eu pousar as mãos em seu colo. Em nome de Deus. Que deus? *Pausa.* E a mamãe se curvava e beijava a mão do padre de Brecheret! *Pausa. Olha em redor, desesperada.* Eles estão vindo. Estão vindo e vai ser o fim! Errei e eles não vão me perdoar. Eu consigo me lembrar quando estava na barriga de mamãe. Também lembro que nessa época ela já brigava com papai. *Corre até a bacia e banha-se esfregando o corpo com força.* Quando eu morrer ninguém vai abrir meu corpo em busca dos motivos de tantas imperfeições. Eu apago tudo. Mas não poderia jamais apagar as marcas da vida. Eles estão vindo. É o fim mamãe. Não voltarei para casa e não vou te presentear com aquela correntinha de ouro que foi da vovó. *Ouve-se alguns passos. Ela se desespera.*

Oh, nobre carpinteiro

Oh, Senhor Governante aí de cima

Eu só queria...

Pausa. Abre uma porta lentamente. Uma luz.

Pai nosso...

Uma luz mais forte seguida de um barulho.

Em todo aquele tempo eu só queria ser gente,

marginal que fosse, mas que fosse gente!

Olhar as estrelas do céu com a mesma dignidade

com que elas me olham.

Andar sobre a terra com a mesma elegância dos ciscos

e das folhas.

Mas não estar só por dentro.

Sabe só por dentro?

Mas sou fadada a carregar a mim mesma

por anos a fio.

Dizem que os motivos são banais.
Ninguém sabe os reais motivos.
Pois eu só queria ser gente.
Feliz que fosse.

FIM

Salvador, 2000